

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD  
SAINT HILL MANOR, EAST GRINSTEAD, SUSSEX  
CARTA DE POLÍTICA DO HCO DE 19 DE MAIO DE 1970

REMIMEOGRAFAR

N.º 8 DA SÉRIE DE DADOS

SANIDADE

Um observador tem que estar *são* para observar racionalmente.

Isto tem estado tão fora na sociedade que a própria designação de “*são*” acabou por significar “conservador” ou “cauteloso”, ou qualquer coisa com que se possa concordar. O psicólogo do século XIX decidiu que não podia definir “normal” e que não havia pessoas normais. O psiquiatra do século XIV é a “autoridade” do século XX em sanidade. No entanto, o exame dos dessa espécie mostra que eles são incapazes de demonstrar a sanidade pessoalmente ou de a proporcionar, e muito menos de a definir.

Os dicionários dizem que é “saúde, saúde do corpo e da mente; mentalmente bem equilibrado; racionalidade”.

No entanto a sanidade é vital para uma observação precisa.

IDEIAS FIXAS

A “*idée fixe*” é a falha na sanidade.

Sempre que o próprio observador tem ideias fixas, ele tende a olhar para elas, não para a informação.

As pessoas com ideias preconcebidas sofrem principalmente de uma “*idée fixe*”.

O que é estranho é que a *idée fixe* que elas pensam que têm, não é a que elas têm.

Um exemplo disto é o “cientista” social com uma teoria favorita. Tenho visto muitíssimos indivíduos destes tentar impor uma teoria, como se fosse a última teoria do mundo, e tão valiosa como um diamante de cinco quilos. Tais indivíduos rejeitam qualquer facto que não esteja de acordo com a teoria. Foi assim que a Psicologia do século XIX descarrilou. Tudo ideias fixas e nenhuns factos.

As ciências físicas do tempo de Hegel fizeram a mesma coisa. Não existia o oitavo planeta no sistema solar, mesmo depois de observado num telescópio, porque “sete é um número perfeito e por isso só pode haver sete planetas”.

A História está cheia de idiotices – e de idiotas – com ideias fixas. Eles não são capazes de observar para além da ideia.

Uma ideia fixa é algo aceite sem inspecção e concordância pessoal. É o exemplo perfeito de “a autoridade é que sabe”. É a “fonte segura”. Um caso típico foi o relatório dos Serviços Secretos, aceite por toda a Marinha de Guerra dos EUA mesmo até ao dia 7 de Dezembro de 1941, data da destruição da armada dos EUA pelos aviões japoneses. O relatório anterior a Pearl Harbor, de inquestionáveis fontes seguras, dizia: “Os japoneses não são capazes de voar – eles não têm sentido de equilíbrio”.

O relatório ignorava que os japoneses eram os maiores acrobatas do mundo!

Tornou-se uma ideia fixa que provocou a rejeição de todos os outros relatórios.

## SANIDADE

Uma ideia fixa não é inspeccionada. Ela bloqueia a existência de qualquer observação contrária.

A maioria dos reaccionários (pessoas que resistem a todo o progresso ou acção) sofrem de ideias fixas que receberam de "autoridades", e que nenhuma experiência real altera.

Uma outra é a de que a infantaria britânica de casacos vermelhos nunca se abrigava.

Foram necessárias duas ou três dúzias de guerras e baixas fantásticas para finalmente a deitar abaixo. Se uma única ideia fixa destruiu o Império Britânico, esta é uma candidata.

### CENA NORMAL

A razão por que uma ideia fixa pode ficar tão arreigada e ser tão pouco notada, é ela parecer normal e razoável.

E alguns ou muitos alguns querem acreditar.

Desta maneira uma ideia fixa pode tornar-se um ideal. É provavelmente um ideal errado. Aviadores japoneses incapazes seriam um desejo de uma marinha de guerra. Seria maravilhoso! Era de esperar que os casacos vermelhos da infantaria de fossem bravos e não recuassem.

Em ambos os casos o ideal era irracional.

Um ideal racional tem esta lei:

O PROPÓSITO DA ACTIVIDADE TEM DE FAZER PARTE DO IDEAL DESSA ACTIVIDADE.

Uma marinha de guerra que tem como ideal o inimigo não ser capaz de voar, está a evitar estupidamente o seu próprio propósito, que é lutar.

A infantaria britânica tinha o propósito de ganhar guerras, e não apenas de parecer valente.

Assim pode-se analisar se o ideal é racional perguntando simplesmente: "Qual é o propósito da actividade?" Se o ideal for aquele que favorece o propósito, será classificado como racional.

Há muitos factores que contribuem para uma cena ideal. Se a maioria deles favorecer o propósito da actividade, pode dizer-se que é um ideal são.

Se um ideal, que não favorece de alguma maneira o propósito da actividade, é o ideal que está a ser enfatizado, então estamos na presença de uma ideia fixa e o melhor é inspeccioná-la.

Poder-se-á dizer que esta é uma visão utilitária das coisas muito dura. Mas não é. O artístico desempenha o seu papel em qualquer ideal. A moral tem a sua parte em qualquer ideal.

Um estúdio ideal para um artista tanto poderia ser muito bonito como muito feio desde que o ajudasse a produzir a sua arte. Se fosse muito bonito e, no entanto, prejudicasse as suas actividades artísticas, seria uma cena ideal muito louca.

Uma fábrica bonita que produzisse seria um ideal elevado. Mas a sua proximidade das matérias-primas, transportes e alojamento dos trabalhadores são os factores

## SANIDADE

mais importantes num ideal de uma fábrica. E a sua localização num país onde o governo criasse condições para poder haver produção, poderá ser a parte preferencial de uma “cena ideal”.

Temos de ver para que fim é a área antes de podermos dizer se é ou não é ideal.

E se a área é demasiado limitada para produzir, ou demasiado dispendiosa para ser solvente, então não é uma cena racional.

## ÂNSIA DE MELHORAR

Por vezes a ânsia de melhorar uma actividade é tal, que danifica ou destrói a actividade.

Uma vez familiarizado com o tipo de actividade, deve também compreender-se que há uma lei envolvida:

O FACTO DE UMA COISA ESTAR A FUNCIONAR E SER SOLVENTE PODE PREVALECER SOBRE AS VANTAGENS NÃO TESTADAS DE A MODIFICAR.

Por outras palavras, uma cena ideal poderia ser muitíssimo diferente, mas a cena actual ESTÁ a funcionar.

Assim entra aqui o factor MUDANÇA OBSESSIVA. A mudança pode destruir sem dó nem piedade.

Áreas inteiras de Londres, atafalhadas de lojas pequenas, mas cheias de clientes, foram varridas para dar lugar a modernos estabelecimentos cromados, de rendas elevadas, que estão vazios de clientes.

Birmingham, onde se podia mandar fazer qualquer coisa, viu todas as suas pequenas lojas serem varridas e substituídas por novos edifícios enormes, e de rendas elevadas, numa altura em que andava tudo louco com o progresso.

Possivelmente os novos estabelecimentos e as novas lojas gigantescas correspondiam ao “ideal” de alguém, mas não se combinavam com um ambiente de trabalho real.

É esta diferença entre a cena ideal e a cena prática que leva à ruína muitas empresas e civilizações antigas.

Portanto, para ter um ideal, é desejável estar familiarizado com o que funciona.

É bastante possível imaginar um ideal de sucesso sem familiaridade alguma, MAS NÃO DEVE CONTER QUALQUER IDEIA FIXA.

É a ideia fixa que acaba com um ambiente vivo, prático e funcional.

Os reformadores utópicos estão sempre nisto. Numa fiada de barracas velhas eles vêem, não independência económica e uma vida de preguiça, mas P-O-B-R-E-Z-A. Por isso arquitectam um novo projecto de habitação social, disparam os impostos, põem muita gente sob controle total e causam o colapso da sociedade.

O reformador utópico está a impor a ideia fixa do século XIX, do Conde de Saint Simon, ligar toda a economia ao homem mais pobre que nela houver. Por outras palavras, premiar apenas os que não produzem. É claro que todos se tornam escravos, mas que soa bem, soa.

Os jornalistas são provavelmente os piores observadores do mundo. Eles observam a partir da ideia fixa do editor ou do grupo de controle prevalecente. As histórias são-lhes dadas antes de saírem da redacção. No entanto as suas observações aconselham o público e os governos!

Os pontos-fora que se podem encontrar em qualquer jornal contemporâneo rotulam a maior parte das suas histórias como falsas sem que seja necessário passar do primeiro parágrafo.

No entanto, é com isto que se espera que o público mundial funcione.

Como é natural, isto deforma a cena aproximando-a da loucura extrema. Isto entra em conflito com a lógica natural das populações e por isso o público pensa que o mundo está mais louco do que realmente está.

Em duas cidades a publicação de todos os jornais foi suspensa por um período alargado. Em ambas, o crime caiu para zero! E voltou de novo quando os jornais voltaram a ser publicados.

A cena ideal do dia a dia do cidadão é muitíssimo diferente da cena pintada num jornal.

A diferença entre as duas pode fazer-nos sentir muito esquisitos.

Assim, não deveria haver uma diferença demasiado grande entre a cena ideal e a cena representada. E também não uma grande diferença entre a cena ideal e a real.

R (realidade) é constituída pela isness das coisas. Pode melhorar-se partindo desta isness, no sentido de criar um ideal e elevar R até ele. Isto é o melhoramento normal e é aceite como racional.

Pode também degradar-se R, permitindo que a representação (descrição) da cena seja muito pior que a real. No trabalho de propaganda negra, tradicionalmente utilizada por muitos governos, este último truque da corrupção de R é o meio usado para fomentar a revolta interna e a guerra.

Quer a valorização, quer a desvalorização são pontos-fora quando relatados como factos. "Constituímos reservas de 1.000 libras esta semana" é um ponto-fora tão louco como "o governo ficou falido esta semana", quando nenhum deles é verdade.

Quando o relatório diz: "deveríamos planificar uma maior receita", está a conduzir para um ideal mais alto e não é um ponto-fora, pois não está a representar nenhum facto, mas sim uma administração esperançosa e ambiciosa.

### CINCO PONTOS

Quando nenhum dos pontos-fora está presente, continuam mesmo a haver relatórios e a cena está a funcionar e a atingir o seu propósito, teremos aquilo a que se pode chamar uma cena sã.

Se todos os 5 pontos estivessem ausentes, e no entanto a cena não estivesse a funcionar suficientemente bem para existir, isso seria um tal desvio do ideal que ela própria (a cena) seria um ponto-fora uma vez que a importância foi alterada.

Aqui, o que está fora é toda a situação! A análise da situação seria instantaneamente visível.

## SANIDADE

Mas este último caso acontece apenas em teoria, e não na prática. Uma situação em colapso é prevista pelos pontos-fora dos seus dados.

Os organismos e as organizações tendem a sobreviver.

Um declínio de sobrevivência é também assistido por pontos-fora.

### SANIDADE É SOBREVIVÊNCIA

Não só qualquer coisa sobrevive melhor quando sã, mas também é verdade que o insano não sobrevive.

Assim, o potencial de sobrevivência pode ser avaliado, em considerável medida, pela ausência de pontos-fora.

Isto não quer dizer que homens sãos não possam ser mortos a tiro ou organizações sãs não possam ser destruídas. Quer apenas dizer que há muitíssimo menos hipóteses deles serem mortos ou destruídos.

Enquanto homens e organizações estiverem ligados a homens e organizações insanos, coisas loucas podem acontecer inesperadamente, e de facto acontecem.

Mas usualmente tais coisas podem ser previstas pelos pontos-fora nos outros.

Quando homens e organizações sãos existem num largo cenário agitado por irracionalidade, é preciso uma observação muito sagaz, bom domínio da Lógica e actuação rápida para permanecerem com vida. Isto é conhecido como o “desafio do ambiente”. Pode cair-se no exagero! Demasiado desafio pode esmagar.

A diferença entre uma acontecer coisa dessas a um homem ou organização racionais e aos insanos, seria que o próprio fracasso não passaria a ser uma ideia fixa.

## INSANIDADE

Os 5 ilogismos primários, ou pontos-fora como nós lhes chamamos, são naturalmente a anatomia da insanidade.

Nas suas muitas variações a insanidade de qualquer cena pode ser investigada e o seu núcleo localizado.

Localizando e em seguida inspeccionando de perto, tal ponto de insanidade pode depois ser manejado.

Quando se sabe o que realmente é a insanidade, pode-se então confrontá-la e manejá-la. Não somos levados à enorme generalidade de que “tudo é louco”.

Detectando e eliminando pequenas áreas de insanidade, tendo o cuidado de não destruir as coisas sãs à volta delas, pode-se ir gradualmente melhorando qualquer situação até à sanidade e sobrevivência.

Vendo o que está insano num cenário e vendo porque é insano, encontra-se também, por comparação, o que é sã.

Localizando e compreendendo os pontos-fora, encontram-se os pontos positivos de qualquer situação.

E isso muitas vezes é um grande alívio.

SANIDADE

L. RON HUBBARD  
FUNDADOR